



ESHOJE



ANOS DE  
ESPÍRITO  
SANTO

Fundado em 19 de julho de 2000  
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 5 de maio de 2026 )) Ano XXV )) N° 1292  
Edição Gratuita Diário )) www.eshoje.com.br

/eshoje @eshoje eshoje eshoje

DIVULGAÇÃO

ARTIGO

A poesia sempre  
serviu para nomear  
aquilo que escapa )) 2



CULTURA

Arte na rua, no palco,  
na escrita e na vida da  
capixaba Mayara Maria )) 4



DIVULGAÇÃO

# Brigas de famosos: entre o espetáculo e o algoritmo

Até que ponto o conflito público virou ferramenta de afirmação, engajamento e até monetização? Recentes conflitos entre celebridades reacendem debate )) 3

ILUSTRAÇÃO



MARCELO GOMES JORGE FERES

# Para que serve a poesia no século 21?

Podemos dizer, sem grande exagero, que a poesia foi mãe da filosofia e, de certo modo, avó das ciências. Se voltarmos à tradição ocidental, veremos que a busca pelo sentido da vida não é algo novo. Antes mesmo das explicações racionais da filosofia, vieram os mitos e as poesias. No mundo grego arcaico, os aedos e rapsodos já narravam, em versos, as origens, os conflitos, os deuses, os destinos e os mistérios da existência.

Isso porque o ser humano, antes de explicar o mundo, precisou senti-lo. Antes das razões organizadas, vieram os espantos, como no homem que sai da caverna de Platão e se assombra com o real. E é justamente desse “thaumazên”, como diriam os gregos, que nasceu a necessidade humana de uma linguagem simbólica, sensível e interior.

A poesia sempre serviu como um modo de nomear aqui-

lo que escapa. Ela não existe apenas para ornamentar a linguagem ou embelezar a realidade. Sua função mais profunda talvez seja a de restituir espessura à vida. Em outras palavras, ela nos ajuda a perceber que viver não é apenas funcionar. E esse ponto parece decisivo no século 21.

Vivemos um tempo de aceleração contínua, de produtividade compulsória e de materialismos cada vez mais externos.

Tudo nos empurra para fora: para a performance, para a exposição, para a utilidade, para o consumo veloz de conteúdos e sensações. E, assim, o espaço do silêncio e da contemplação vai sendo comprimido.

Talvez por isso tanta gente experimente, hoje, uma estranha falta de sentido mesmo em meio a tantas possibilidades. Há informação em abundância, mas há pouca assimilação. Há conexão o tempo to-

do, mas pouca presença. Há discursos por toda parte, mas escasseiam as palavras que realmente toquem o ser.

Quando quase tudo precisa “servir para alguma coisa” de modo prático, a poesia nos recorda que há valor também no invisível, e isso não é pouco. Ela nos devolve aquilo que ainda pulsa sob a rotina endurecida, e lembra que nem tudo o que importa pode ser medido, monetizado ou imediatamente explicado.

Não por acaso, eu ainda gosto de voltar, em espírito, à Grécia antiga, aos templos, a Delfos, ao “conhece-te a ti mesmo”. Não por nostalgia estéril, mas porque ali permanece uma intuição decisiva: a de que o ser humano não vive apenas de respostas externas.

Há algo que precisa ser buscado adentro e a poesia continua sendo uma das linguagens mais aptas para essa travessia interior.

# PUBLICAÇÃO LEGAL

EDITAIS • COMUNICADOS • BALANÇOS • CONVENÇÕES • PRESTAÇÕES DE CONTAS

bianca@eshoje.com.br  
D4Sign  
BDC COMUNICACOES LTDA  
23895031000130  
ICP-Brasil  
Aplicado



ESHOJE TERÇA-FEIRA, 05 DE MAIO DE 2026 )) WWW.ESHOJE.COM.BR )) BIANCA@ESHOJE.COM.BR )) ANUNCIE: (27) 2180-0678 PAG.1

## CEA CENTRAL ESTRUTURADA DE ARMAZENAGEM S/A

CNPJ nº 05.070.507/0001-35 - NIRE 32300026826

Extrato da Ata da Assembleia Geral Extraordinária realizada em 27 de outubro de 2023 às 14h00min, na sede da empresa.

Presença a presença da totalidade dos acionistas, quais sejam Valdir Silvio Pizani, Werner Jesus Pizani e Vagner Frederico, pessoalmente; Tec Imports Importação e Exportação Ltda, por seus sócios administradores Valdir Silvio Pizani e Vagner Frederico e Orimpex Importação e Exportação Ltda, por seus sócios administradores Valdir Silvio Pizani e Vagner Frederico. Presentes, ainda, os Diretores da Companhia, Valdir Silvio Pizani e Vagner Frederico, e bem assim a advogada Gabriela Negri Carlesso.

Mesa: Presidente: Vagner Frederico e Secretário: Valdir Silvio Pizani.

Ordem do dia: 1) Atualização do endereço da Sede; 2) Alteração do Artigo 2º e do §3º do Artigo 14 do Estatuto Social; 3) Reeleição dos membros da Diretoria; e 4) Consolidação do Estatuto Social.

Deliberações: Os senhores acionistas aprovaram por unidade todas as matérias da ordem do dia.

Encerramento e Lavratura da Ata: Tendo em vista as alterações deliberadas, resolvem os acionistas consolidar o Estatuto Social.

ATA REGISTRADA NA JUCEES EM 03/09/2025 SOB Nº 20251223370

## COMUNICADO

**BJORLLEI MOLLINO DIAS - ME**, CNPJ nº 12.158.112/0001-54, torna público que **REQUEREU** por meio do Processo nº **44307/2026** à **PMVV/SEMMA, LMAR**, para desenvolvimento da atividade de **Bar e/ou restaurante com sonorização eletrônica ou música ao vivo...**, (Cód. 18.11 - N), Classe S, na Rua Humberto Pereira, nº 11, Q. 001, Praia de Itaparica, Vila Velha/ES.

# Publicação Legal

## Meio Impresso e digital diários

Certificação Digital credenciada pelo ICP-Brasil

Atas, Licença Ambiental, Balanço, Edital e, Atos Oficiais

Contato Comercial

**Bianca Coutinho**

bianca@eshoje.com.br

27 2180-0678

ESHOJE®

D4Sign 5b6a169f-bacb-4b0a-ac97-8ab79329280d - Para confirmar as assinaturas acesse <https://secure.d4sign.com.br/verificar>  
Documento assinado eletronicamente, conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2. Brasil

ESHOJE

ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALIS

A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

**TIRAGEM:** Publicação digital e impressa  
**CIRCULAÇÃO:** Grande Vitória e digital  
**PERIODICIDADE:** Semanal

Rua Carlos Lindenberg, 40.  
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim Camburi, Vitória ES. Cep 29092-110  
Tel. 27 2180-0678  
[www.eshoje.com.br](http://www.eshoje.com.br)  
[redacao@eshoje.com.br](mailto:redacao@eshoje.com.br)

**DIRETOR GERAL**  
Carlos Roberto Coutinho  
[carlos@eshoje.com.br](mailto:carlos@eshoje.com.br)

**DIRETORA ADMINISTRATIVA**  
Bianca Coutinho  
[bianca@eshoje.com.br](mailto:bianca@eshoje.com.br)

**DIRETORA DE REDAÇÃO**  
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP  
[daniehcoutinho@eshoje.com.br](mailto:daniehcoutinho@eshoje.com.br)





**PROJETO GRÁFICO**  
Renon Pena de Sá  
[www.ellaform.com.br](http://www.ellaform.com.br)

**FOTOGRAFIAS**  
Arquivo  
[redacao@eshoje.com.br](mailto:redacao@eshoje.com.br)

**DIAGRAMAÇÃO**  
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

**REDAÇÃO**  
Carolina Boueri  
Eduardo Aencar  
Esthefany Mesquita  
Giulia Reis  
Karla Silveira  
Mariana Cicilioti  
Thierry Khalil  
PH Caetano  
Mary Martins

**SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:**

 /eshoje  
 @eshoje  
 eshoje  
 eshoje

# Entre likes e processos: as brigas das celebridades

Entre todos os temas que mais se destacam, a maternidade é apontado como o mais sensível

CAROL BOUERI

jornalismo@eshoje.com.br

As recentes trocas de farpas entre celebridades brasileiras reacenderam um debate que vai além do entretenimento: até que ponto o conflito público virou ferramenta de afirmação, engajamento e até monetização?

De um lado, a tensão entre Luana Piovani e Virgínia Fonseca mobilizou discussões sobre maternidade e exposição de filhos nas redes. De outro, o episódio envolvendo Daniela Mercury e Edson Gomes levantou questionamentos sobre limites no ambiente profissional artístico.

Para o psicólogo Ramon Bastos, esse tipo de embate está longe de ser apenas espontâneo. Quando figuras públicas assumem posições opostas — como no caso da maternidade “real” versus “comercial” —, acabam criando divisões simbólicas que ajudam o público a se identificar e tomar partido.

“Esse conflito sinaliza para a audiência a qual grupo ela pertence. As pessoas precisam validar o que pensam e sentem, então escolhem um lado. Isso fortalece comunidades e transforma valores em bandeiras”, afirma.

Na prática, essa dinâmica se converte em visibilidade — e, conseqüentemente, em valor de mercado. “O que vemos hoje é uma versão digital do ‘pão e cir-

DIVULGAÇÃO



“A exposição indevida pode gerar dano moral e até atuação do Ministério Público”

Eduardo Sarlo, advogado



Luana Piovani, ao criticar ‘publis’ de Virginia com jogos de azar: “a maldição resvalará nos seus filhos”

co’. O algoritmo funciona como um imperador, e o conflito é o espetáculo que mantém as massas engajadas”, completa.

Entre todos os temas possíveis, a maternidade se destaca como um dos mais sensíveis. Segundo o psicólogo, isso acontece porque criar filhos envolve alto investimento emocional e expectativas que nem sempre se confirmam.

“Muitas vezes, a realidade não corresponde ao que se imaginava. Quando alguém se depara com um modelo diferente, pode reagir com agressividade para defender o próprio estilo de vida”, explica.

Nesse contexto, o ataque ao outro também funciona como uma tentativa de aliviar frustrações pessoais ou reafirmar convicções.

## “PELOURINHO DIGITAL”

O ambiente em que esses conflitos acontecem também influencia. No caso envolvendo Daniela Mercury e Edson Gomes, Bastos destaca que o palco

é um espaço de alta pressão, com estímulos intensos e resposta imediata do público, o que pode reduzir a tolerância ao contraditório.

Ao mesmo tempo, ele aponta que as redes sociais transformaram conflitos em espetáculos permanentes. “Hoje vivemos um ‘pelourinho digital’. Ao expor alguém, você convida o público a

punir ou defender. Comentários de ódio ou apoio cumprem a mesma função: reforçar pertencimento a um grupo”.

Esse cenário é potencializado por um mecanismo de recompensa. “O cérebro do influenciador pode se condicionar ao engajamento. O caos gera picos de visibilidade que funcionam como prêmio imediato”, afirma.



Daniela Mercury acusou Edson Gomes de violência doméstica

## Onde entram os limites legais da opinião

DO PONTO de vista jurídico, há uma linha clara — ainda que delicada. O advogado Dilson Carvalho explica que figuras públicas estão mais sujeitas a críticas, mas isso não autoriza ataques pessoais.

“Criticar modelo de negócio ou comportamento é legítimo. O problema começa quando a fala deixa de ser opinião e passa a atingir a honra”, diz. Nesses casos, pode haver responsabilização por dano moral, inclusive quando há impacto na reputação comercial.

A situação se torna ainda mais sensível quando envolve crianças. “A legislação brasileira garante proteção absoluta aos menores. A exposição indevida pode gerar dano moral e até atuação do Ministério Público”, destaca. O advogado Eduardo Sarlo reforça que o uso da imagem ou até a simples menção a crianças em conflitos públicos pode agravar a responsabilidade civil.

No caso do desentendimento entre Daniela Mercury e Edson Gomes, a análise jurídica segue outro caminho. Não há, em regra, assédio moral sem relação hierárquica, mas pode haver dano moral ou até crime contra a honra, dependendo do teor das falas. “Acusações de crime exigem prova. Sem isso, quem acusa pode responder civil e criminalmente”, explica Carvalho.

Apesar dos instrumentos legais, há um fator que muda completamente a dinâmica: a velocidade das redes sociais. “O ‘tribunal da internet’ julga em horas. O dano à imagem acontece antes de qualquer decisão judicial”, afirma. Ainda assim, a notificação extrajudicial continua sendo uma ferramenta relevante, especialmente quando combinada com medidas judiciais e gestão de crise.

No fim, o que está em jogo vai além de quem tem razão. Para os especialistas, esses episódios revelam uma sociedade cada vez mais engajada em conflitos públicos que, muitas vezes, não fazem parte da vida real de quem comenta.

“Quando a pessoa vive apenas para defender ou atacar figuras públicas, isso empobrece a própria vida e pode levar ao adoecimento emocional”, alerta o psicólogo.

FOTO/MONTAGEM: REPRODUÇÃO

REPRODUÇÃO

# Mensagens dos papéis na trajetória de Mayara Maria

A artista também se dedica à escrita, com textos autorais reconhecidos em concursos

**REDAÇÃO MULTIMÍDIA**  
jornalismo@eshoje.com.br

**M**ayara Maria atua no campo das artes cênicas como atriz, instrutora, escritora e produtora cultural. Formada em Teatro pela Escola Técnica de Teatro, Dança e Música do Espírito Santo (FAFI), desenvolve uma trajetória que articula pesquisa cênica, cultura popular e experimentações entre teatro, música e performance.

Sua prática dialoga com referências do teatro épico e da dramaturgia contemporânea, abordando temas ligados às relações humanas, identidade e questões sociais. Além da atuação, Mayara desenvolve atividades como educadora, ministrando oficinas de teatro voltadas a crianças e jovens, e participa de iniciativas de valorização da cultura tradicional capixaba, como o coletivo Tambor de Congo da Barra do Jucu.

A artista também se dedica à escrita, com textos autorais publicados e reconhecidos em concursos literários, e atualmente integra o núcleo de pesquisa em teatro de rua do Grupo Árvore, onde investiga práticas voltadas ao espaço público e à relação direta com o espectador.

**ES Hoje: Como se deu sua formação artística?**

**Mayara Maria:** Acredito que a arte é como um bichinho que morde a gente por dentro. Enquanto a gente não olha para ele e não dá a atenção que ele merece, ele não para de morder. Foi assim comigo. Desde a infância havia algo que me atraía feito um ímã. Não era especificamente o teatro, eram várias artes integradas. Eu fiz o que podia e o que estava ao meu alcance, como oficinas e projetos escolares. Os professores viam que havia algo “diferente” em mim: na escrita, na leitura, nas representações e peças que eu fazia. A FAFI possui professores excelentes, profissionais que carregam em si uma visão de mundo muito particular. Estudar lá foi um processo de grande descoberta interna. Para ser bem sincera, na FAFI passei por diversas dificuldades durante os anos de curso, mas me formar foi a realização de um sonho: o sonho da minha criança interior. A FAFI é uma porta para essas realizações. É um espaço

que precisa ser valorizado, fortalecido e defendido, tanto por nós, estudantes e artistas, quanto pelas políticas públicas do nosso estado.

**A atuação contribuiu para o desenvolvimento de sua pesquisa cênica?**

Todo espetáculo carrega em si uma mensagem, um objetivo, um motivo pelo qual deva existir. Pessoalmente, cada espetáculo de que participei elevou meu nível profissional na atuação e no canto. De forma abstrata, é como se cada um tirasse uma camada do meu ser e mostrasse quem sou de verdade, por baixo das peles que criamos para nos esconder. O que mais contribuiu para minha pesquisa foi isto: não ter medo de me mostrar. A pesquisa no teatro é eterna, tal qual a consciência. Por isso busco outras linguagens, trocando com companhias do estado. Porque a pesquisa não para e, se tudo se transforma, eu também me transformo a cada espetáculo.

**Como articula o trabalho como atriz com a atuação de educadora em projetos?**

Dar aula sempre foi um sonho. E eu sempre amei crianças. Hoje dou aula de teatro para crianças: juntei dois amores, crianças e teatro. Ainda sobra espaço na agenda para

“Desde a infância havia algo que me atraía feito um ímã. Não era especificamente o teatro, eram várias artes integradas”

meus trabalhos como atriz. É interessante que o que aprendo nas oficinas levo para a sala de aula com as crianças. Elas aprendem comigo, e eu aprendo muito com elas.

**Qual a importância da cultura popular, especialmente do congo, nessa trajetória artística?**

O congo tem um papel fundamental na minha trajetória. Iniciei na Barra do Jucu, na oficina de tambor e casaca ministrada pela Mestra Beatriz Rêgo. Essa experiência foi uma virada de chave: o primeiro instru-



Formanda da Fafi, em Vitória, a artista conceitua a escola de artes como uma “porta para realizações”



Seja no teatro de rua, com o Grupo Árvore, nas aulas ou em projetos sociais, Mayara se realiza na arte

mento que aprendi foi a casa. O congo me conectou com território, ancestralidade e pertencimento. Mudou minha vida e minha autoestima como mulher. Sentar no tambor é

um ato revolucionário. Hoje faço parte do Coletivo Tambor de Congo da Barra do Jucu, numa vivência que se conecta com minha pesquisa cênica e com quem sou, e reforça um

fazer artístico conectado à memória, resistência e coletivo.

**O que tem orientado suas investigações no teatro de rua junto ao Grupo Árvore?**

O Grupo Árvore tem sido uma surpresa muito potente. Entrei no Núcleo de Pesquisa de Teatro de Rua este ano. Meu contato com o grupo revelou a necessidade de uma presença maior e viva. A rua exige outro estado de corpo, escuta e relação com o público. Sem a proteção da caixa cênica, tudo é mais exposto. Minha investigação é guiada pela busca de presença e adaptação ao imprevisível. O que mais me toca é o coletivo: existe uma conexão e parceria muito fortes entre nós, um trabalho de troca e cuidado. Destaco também os processos de escrita e criação, que envolvem exposição e confiança. Hoje, minha pesquisa se orienta por três eixos: presença, coletivo e criação a partir de si.

FOTOS: DIVULGAÇÃO